

**SENTIDO E (RE)CONSTRUÇÃO DAS EXPRESSÕES “EPIDEMIA” E “PANDEMIA” EM
ENUNCIADOS DO CONTEXTO BRASILEIRO**

Keyla Lima da Silva - PG/UEMS

Marlon Leal Rodrigues -NEAD/UEMS

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar a (re)construção das palavras “epidemia” e “pandemia” em enunciados produzidos na pandemia da Covid-19 e em contextos semelhantes a esse no Brasil. Utilizamos como referencial teórico e metodológico os pressupostos da Análise do Discurso proposto por Orlandi (2012), Indurski, Mittman e Ferreira (2011), Pêcheux (1999), e outros, que abordam a memória discursiva e o interdiscurso. Os enunciados selecionados foram extraídos de jornais, que datam diferentes épocas e informam sobre a Gripe Espanhola (1918-19), a Gripe A H1N1 (2009) e a Covid-19 (2020). Esses dados estão inseridos em um contexto brasileiro e apontam processos de constituição de sentidos parafrásticos. Dito isto, a relevância dessa pesquisa contribui com os estudos linguísticos e expõem a interdiscursividade de uma pandemia sobre a outra.

Palavras-chave: *Epidemia; Pandemia; Memória discursiva.*

ABSTRACT: *The present work aims to analyze the (re)construction of the words “epidemic” and “pandemia” in statements produced in the Covid-19 pandemic and in contexts similar to this one in Brazil. We used as theoretical and methodological framework the assumptions of Discourse Analysis proposed by Orlandi (2012), Indurski, Mittman and Ferreira (2011), Pêcheux (1999), and others, which approach discursive memory and interdiscourse. The selected statements were extracted from newspapers, which date from different periods and report on the Spanish Flu (1918-19), Influenza A H1N1 (2009) and Covid-19 (2020). These data are inserted in a Brazilian context and point to processes of constitution of paraphrastic meanings. Along the same lines the relevance of this research contributes to linguistic studies and exposes the interdiscursiveness of one pandemic over the other.*

Keywords: *Epidemic; Pandemic; Discursive memory.*

Introdução

Os discursos produzidos em decorrência da pandemia da Covid-19 resultaram em quantidade expressiva de matérias midiáticas sobre o assunto, resultando tais discursos em corpus a serem analisados por pesquisadores da Análise do Discurso.

Apesar da diminuição dos casos, a pandemia ainda não foi liquidada, embora estejamos em um momento menos alarmante por terem diminuído consideravelmente os números de contágios, infectados e mortos pelo “novo coronavírus”, o surgimento dos medicamentos, no caso das vacinas resultaram no combate da proliferação do vírus e das contaminações.

O registro da pandemia, provocado pela identificação de um novo tipo de coronavírus, foi motivo de alerta não só para os órgãos de saúde pública, como também para a imprensa, que noticiou a doença, sobretudo na fase inicial da descoberta da Covid-19. No Brasil as mídias de comunicação veicularam o surgimento de um novo vírus e rememoraram outras epidemias e pandemias que assolaram a população brasileira.

Em virtude desses fatos, várias expressões foram retomadas, expandindo nesse período a quantidade de palavras utilizadas pelos brasileiros. Por isso, o Estado de Minas Gerais com incentivo da Secretaria de Saúde lançou o Dicionário “Para Entender a Pandemia”. O compilado conta com 33 palavras que ouvimos repedidas vezes no decorrer da pandemia do novo coronavírus.

Expressões como achatar a curva, assintomático, imunidade de rebanho, lockdown, protocolos sanitários, SARS-COV-2, estabeleceram-se na mídia, quando o vírus se espalhou e alcançou a população brasileira em março de 2020. Elencamos “expressões” ou “palavras” como termos válidos para tratar os termos que serão analisados neste trabalho, conforme Pêcheux esclarece:

Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não têm um sentido que lhes seria próprio, como se estivesse preso a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, 1995, p. 161).

Para este trabalho escolhemos analisar duas dessas expressões, as quais compuseram muitos enunciados informativos das mídias: “epidemia”, em um primeiro momento do surto e “pandemia” em um estágio mais avançado do contágio.

Tendo em vista estes relevantes acontecimentos sanitários, expomos o verbete das palavras escolhidas – sendo, “epidemia” (do grego: epidemia, - as): Doença que, numa localidade ou região, ataca simultaneamente muitas pessoas; e “pandemia” da grega pandemia, - as, o povo inteiro): Surto de uma doença com distribuição geográfica internacional muito alargada e simultânea.

Sob a perspectiva dos fundamentos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, nosso objetivo é analisar a (re) construção das palavras “epidemia” e “pandemia” em enunciados produzidos na pandemia da Covid-19 e em contextos semelhantes a esse no Brasil. Assim, a partir da análise do passado do discurso demonstramos na terceira parte deste artigo, Metodologia da pesquisa e análises, o funcionamento do texto e como estes produzem sentidos. Como conceitos-base para a discussão, trazemos a Memória Discursiva e o Interdiscurso, na qual a memória é definida a partir da relação com o discurso, resultando no interdiscurso (ORLANDI, 2012). Na primeira parte deste trabalho, apresentamos a memória de crises sanitárias que carregam essas expressões em discursos jornalísticos, e ainda, expomos quais os possíveis efeitos de sentido que relacionam, tais acontecimentos com o “acontecimento novo”, ou seja, o passado dos discursos em relação aos discursos do atual momento de pandemia da Covid-19.

Para a análise do discurso a rede de memórias pode significar muito, uma vez que o sujeito atribui diferentes noções aos discursos nos variados contextos. Essas memórias têm um papel fundamental por postular valores do pré-construído. O interdiscurso, segundo enuncia Orlandi¹, “[...] disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. (ORLANDI, 2012, p. 31).

¹ Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi é uma linguista e professora, no Brasil, ao final dos anos 70, foi pioneira na área da análise do discurso, com base nos trabalhos de Michel Pêcheux. Dentre as suas diversas obras para nosso tema usamos, ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas-SP: Pontes, 2012.

Ressaltamos ainda, que dentro dessa concepção a memória não é individual e sim pertencente a práticas sociais que permitem compreender o funcionamento do discurso. Conforme Pêcheux (1999, p. 52), a memória sempre é perturbada a cada “acontecimento discursivo novo”, e desfaz uma “regularização” antes posta, resultando em um novo sistema a partir de um jogo de forças que tem como objetivo manter uma relação “com os implícitos que ela veicula”. Nos textos jornalísticos das diferentes crises sanitárias, as expressões selecionadas fizeram parte do jogo de esquecimento e lembrança, sendo este esquecimento fundamental na constituição dos enunciados.

Aparentemente esquecida a Gripe Espanhola de 1918-1919 foi “rememorada”, dado o surgimento de “acontecimentos novos”. Na mídia jornalística da época, encontramos discursos típicos da Memória Discursiva que também se apresentam nos discursos da Gripe A (H1N1) de 2009 e da Covid-19 (2020).

Nesse sentido, na segunda parte deste artigo apresentamos a Memória da Gripe Espanhola e a Memória da Gripe A (H1N1) a fim de situar o leitor quanto ao contexto das doenças.

As análises foram feitas, tendo como elemento de estudo, enunciados de 1918, recortados do Jornal Correio Paulistano, atuante de 1854 a 1963 no estado de São Paulo, e recortes do Jornal Folha de São Paulo, de 2009 e 2020.

Apresentamos na terceira parte a Metodologia da pesquisa e a análise do discurso referentes ao tema e a busca pelos efeitos de sentido das palavras/expressões dos recortes selecionados. Por fim, registramos que esta pesquisa é relevante por contribuir com os estudos linguísticos e expor a interdiscursividade de uma pandemia sobre a outra.

A memória da gripe espanhola e a memória da gripe a (h1n1)

No mês de outubro de 1918, a crise sanitária instalou-se em São Paulo e discursos jornalísticos informavam, nos últimos dias de dezembro, a morte de mais de 5 mil paulistanos. Entre os comunicados intitulados de “A Grande Guerra” e “Derrocada alemã”, como eram veiculadas no Jornal Correio Paulistano, havia boletins informativos

dos mortos e infectados pela Influenza Hespanhola. Uma média mundial de 50 milhões de mortes foram contabilizadas

Essa pauta teve início no dia 16/10/1918 com uma nota enviada pelo diretor geral do Serviço Sanitário, que informava uma pandemia, instalada na Europa, e uma descrença de se espalhar pelo Brasil. No dia seguinte o discurso já era fundado na quantidade de infectados, mas sendo considerada ainda “casos benignos”, na sequência o número de infectados aumentou na capital de São Paulo e havia um alerta para o fechamento das escolas. Dia 22/10/1918, o expediente informou o primeiro óbito. A partir desse momento, a coluna “Influenza Hespanhola” divulgava, todos dos dias, os números de mortos e atualizava o total de mortes do começo da epidemia.

É interessante observar que esse acontecimento no Brasil e por esse editorial não ficou por pandemia. Tratava-se de uma epidemia e a pandemia acontecia nos países da Europa, mais especificamente Espanha e França.

Já em abril de 2009, surgiram discursos de uma mutação viral de Influenza identificada no México e nos Estados Unidos, como vemos no enunciado abaixo publicado pela Folha de S. Paulo no período inicial da doença. Após quatro meses, centenas de países contavam seus casos de contágio. A transmissão aponta para a proliferação do vírus H1N1, que, semelhante à Covid-19, transmitia a doença por tosses e espirros, levando involuntariamente uma pessoa a contaminar a outra, caso esteja com vírus gripal, por exemplo.

A gripe que se espalhou, considerada a primeira epidemia do século XXI, no Brasil matou mais de 2 mil pessoas. Conhecida como Influenza H1N1, gripe H1N1, Influenza A, vírus H1N1, o período também era nomeado como “Gripe suína”, pois o vírus afetava os porcos ao mesmo tempo em que afetava os seres humanos.

Figura 1

Gripe suína mata 22 no México e chega a Nova York

Vítimas em território mexicano podem ser mais de 100;
EUA decretam emergência para conter disseminação

ANDRÉ LAMOURA

ADRIANA LEBRÃO

CONTEÚDO

O governo dos EUA decretou

uma situação de emergência

em saúde pública em razão

da disseminação da gripe

suína pelo país. Até então,

foram confirmados 20 casos

em cinco Estados. Agente

de saúde diz estar sendo

achado entre a maioria que

se investiga a partir do vírus

H1N1, causador da doença.

No México, houve 22

mortes, comprovadamente

causadas pela doença, e 10 ter-

A emergência, diz o gover-

no dos EUA, é provavelmente

o padrão para conter a dis-

seminação. No país, os cen-

teiros são hospitalares. Há

29 casos suspeitos na Amé-

rica do Sul, na Oceania, na

Europa e no Oriente Médio.

Na Cidade do México, onde

os casos foram registrados,

a população foi paga de sur-

presa, mas não há relatos de

óbitos. No Brasil, o Ministe-

rio da Saúde descartou a hi-

potese da doença em dois

casos em São Paulo. **Rece-**

ber 2009

Receber 2009

Médicos recomendam evitar viagem para regiões de contágio

Como não há medidas es-

pecíficas de prevenção con-

tra gripe suína, infectologi-

Entre humanos, a doença

se transmite principalmen-

te por gotículas de saliva.

Fonte: Jornal Folha de São Paulo – expediente 27/04/2009.

A imagem acima, do Jornal Folha de São Paulo do dia 27/04/2009, informa as mortes como consequência de uma gripe instalada no México que alcançou os Estados Unidos e como esse acontecimento ficou conhecido (Gripe suína).

Metodologia da pesquisa e Análises

Neste estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa, os procedimentos metodológicos de nossa análise são direcionados pelos pressupostos de uma teoria do discurso de linha francesa. Conforme Orlandi:

O objetivo da análise de discurso é descrever o funcionamento do texto. Em outras palavras, sua finalidade é explicar como um texto produz sentido. Em seu trabalho, o analista de discurso deve mostrar os mecanismos dos processos de significação que presidem a textualização da discursividade. (ORLANDI, 2008, p. 23).

Para fazer essa descrição do funcionamento do texto, elencamos as reflexões em torno da memória discursiva e do interdiscurso. Nosso objeto, encontrado nos recortes de jornais antigos e mais recentes, se mostra como referente no mundo, trata-se de um elemento da discursividade,

E a palavra discurso, etimologicamente, tem sido a ideia [sic] de curso, de percurso, de correr por, de movimento. **O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.** (ORLANDI, 2012, p. 15) (grifos nosso).

Para Pêcheux, o discurso é resultado da relação de história e língua. Ao observarmos as práticas sociais em contato com a história e a ideologia, vemos o homem transformar-se em sujeitos. Sujeitos que interagem uns com os outros, formulam seus discursos e proporcionam a circulação de sentidos, este ciclo aponta para o que Orlandi (2008) chama de formulação:

Formular é dar corpo aos sentidos. E, por ser um ser simbólico, o homem constituindo-se em sujeito pela e na linguagem, que se inscreve na história para significar, tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos. (*Ibid.*, p. 9).

Ser simbólico por pertencer ao efetivo trabalho do jogo da língua na história e pelas contrapartidas desse efeito. A formulação é “o acontecimento discursivo pelo qual o sujeito articula manifestamente seu dizer. Dá o contorno material ao dizer instaurando o texto” (*Ibid.*, p. 10).

Diante do texto instaurado, os enunciados formulados pelos sujeitos recebem a herança da historicidade, que faz com que este sujeito acredite no ineditismo de suas palavras. Portanto, este discursa por pertencer a uma formação discursiva que está relacionada a uma formação ideológica, onde ambas as formações remetem a “memória”. Por isso, o discurso tem uma relação direta com a memória.

O sujeito da AD é constituído por uma rede de memória, ao qual coleciona uma quantidade de formulações, criadas pela memória social. Essa memória necessita de materialidade, é onde temos um “acontecimento discursivo novo”. Segundo Pêcheux, esse acontecimento “vem perturbar a memória” e poderá desgastar ou desmanchar uma “regularidade” antes posta (PÊCHEUX, 2010, p. 52). Poderá também uma nova série de sentidos dependendo das condições de produção do acontecimento histórico.

A regularidade é afetada ou deslocada, quando surge um novo acontecimento, que por sua vez desestabiliza os implícitos conhecidos do senso comum. A memória é

(re) construída a partir de valores intrínsecos aos sujeitos captados das experiências com o senso comum. Dessa forma, essas vivências resultam um sentido de veracidade, porém a memória não retorna com uma totalidade de sentido, uma vez que está submetida a esquecimentos.

Indusky, Mittmann e Ferreira (2011) citam P. Achard que esclarece sobre a repetição que institui um efeito de série e produz uma regularização dos sentidos no interior da FD. Essa regularização se materializa no discurso pelos diferentes funcionamentos discursivos, como implícitos, remissões, efeitos de paráfrase. Para Achard (1999),

[...] o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a (re)construção, sob a restrição ‘no vazio’ de que respeitem as formas que permitam sua inserção por paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo. (ACHARD, 1999, p. 13).

Esquecimentos fazem parte da relação memória e novo acontecimento. Sabe-se de dois tipos de esquecimentos que refletem nos enunciados analisados aplicados pela teoria. Em Orlandi (2012), temos a noção desses dois tipos de esquecimento no discurso, o primeiro é “da instância do inconsciente”, chamado esquecimento ideológico que nos garante uma falsa ilusão que somos proprietários exclusivos do que pensamos e falamos. E o que acontece de fato é que estamos inseridos em uma formação ideológica promotora de sentidos relacionados à língua e a história.

Já o segundo esquecimento “é da ordem da enunciação”, considerando que, ao enunciar optamos por uma maneira e não por outra. Observamos o esquecimento enunciativo a partir da paráfrase que causa uma impressão de “ilusão referencial, (que) nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo”. (ORLANDI, 2012, p. 35).

Há uma fragmentação dos discursos que buscam uma completude do espaço e tempo atuais. A Memória Discursiva cumpre um papel fundamental nesse

preenchimento de sentidos, pois supõe e modela os implícitos que logo se apresentam, como Mutti (2007) apresenta:

[...] na atividade de reconstituição do acontecimento pela memória, o sujeito mobiliza implícitos, sentidos pré-construídos que tendem a reforçar a regularização, pois surtem o efeito de já-lá; no entanto, se desestabilizam pelo sujeito que os resgata na sua enunciação, sempre única (MUTTI, 2007, p. 266).

Sobre o funcionamento discursivo do pré-construído, Indurski, Mittmann e Ferreira (2011) apoiadas nas considerações de Henry e Pêcheux e Fuchs dizem que:

“[...] todo o elemento de discurso que é produzido anteriormente, em um outro discurso e independentemente, é entendido como um pré-construído. Segundo Pêcheux (1975 [1988, p. 164]), “o pré-construído é o ‘sempre-já-lá’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ de seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade”. (INDURSKY, MITTMANN E FERREIRA, 2011, p. 69).

No decorrer da explicação sobre a noção do pré-construído, as autoras expõem que este é um funcionamento discursivo capaz de compreender melhor a relação entre repetição, memória e sentido. Além de descrever as duas maneiras de mobilização deste funcionamento: a operação de encaixe sintático e o discurso transversal.

Nesse sentido, a repetição de um acontecimento aponta para uma memória que aqui deve ser entendida não no aspecto da psicologia individual, “mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 2010, p. 50). Ou seja, esta não é cronológica e sim histórica.

Pensar a memória em relação ao discurso nos possibilita a compreensão de considerar um interdiscurso, pois, ao analisar um acontecimento e concluir que este foi falado antes em outro lugar, apoiado por um pré-construído, remontamos uma Memória Discursiva que caracteriza aquele discurso, “[...] é o que chamamos memória discursiva:

o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” (ORLANDI, 2012, p. 31).

Figura 2.



Visto que, a repetição que mencionamos acima é comum dos acontecimentos que são indissociáveis da história, percebemos um mecanismo de funcionamento do discurso, resultante da relação de sentido. Uma vez que há uma formação imaginária, típica de todo mecanismo que permite a projeção da posição dos sujeitos do/no discurso, estabelece, assim, um limite de paráfrase como o eixo que sustenta o funcionamento desse discurso.

Os chamados processos parafrásticos, “são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória” (ORLANDI, 2012, p. 36)”. Dessa forma, identificamos diversas formulações de um mesmo dizer que significam e criam o próprio percurso do sentido.

Assim, os discursos constituem sentido, se encontram e se chocam. Os efeitos impositivos que virão de um determinado pré-construído resultam em realidades ou acontecimentos submetidos pelo aspecto simbólico da linguagem. Esses acontecimentos relacionam-se com discursos memoráveis e negociam imagens de operadores da memória social. Portanto, para Pêcheux:

Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do visível ao

nomeado, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. (PÊCHEUX, 2010, p. 51).

Vejamos no enunciado abaixo a imagem de um acontecimento histórico e sua análise:

Para esta primeira análise, fizemos recortes no Jornal Correio Paulistano, que foi o primeiro diário da província de São Paulo. Os trabalhos tipográficos de Joaquim Roberto de Azevedo Marques iniciaram em 1854; presenciou os ideais autoritários da Ditadura e a luta em favor dos movimentos sociais e pausaram as atividades no Governo Getúlio Vargas em 1930. Ao retornar o diário, manteve-se ativo por mais algum tempo, encerrando suas atividades em 31 de julho de 1963.

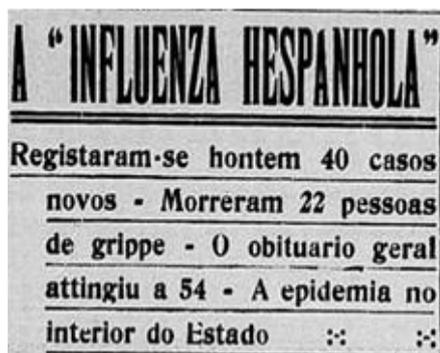


Figura 03, fonte: Fonte: Jornal Correio Paulistano – expediente 06/12/1918.

Embora seja uma informação similar ao que encontramos nos jornais atuais, podemos observar nesse enunciado a construção de palavras, expressões e proposições que criam uma regularidade do discurso. Tendo em vista, a condição de produção da Gripe Espanhola em 1918 no Brasil, nos chama a atenção a utilização apenas da expressão “epidemia” (A epidemia no interior do Estado - Figura 2), pois “pandemia” nomeava o acontecimento da doença em outros países como na Espanha e na França.

“Influenza Hespanhola” nomeava a coluna que noticiava a guerra viral, instalada no país nesse ano e no seguinte. Aliado a palavra “epidemia”, temos os números de infectados e mortes que, somados diariamente, informavam o desenvolvimento da doença no estado, vejamos o enunciado transcrito conforme consta no jornal da época, representado pela figura 2: “Foram notificados hontem 81 casos novos - Morreram de gripe 36 pessoas, atingindo o obituário geral a 76”².

Nota-se aqui um processo de repetibilidade, comparado aos discursos veiculados na mídia no recente momento de pandemia da Covid-19. A Memória Discursiva “retorna sob a forma do pré-construído” a partir de uma estrutura de texto similar comparada a acontecimentos novos.

Desse modo, apontamos o efeito do Esquecimento nº 2, que estabelece vínculos com a enunciação. Este funciona para os próximos períodos de epidemia e pandemia, com a utilização das expressões que estamos observando.

Veremos este funcionamento nas próximas análises (Figuras 5, 6, 7 e 8).

Na figura acima, a palavra “epidemia” aparece enunciada em uma nota comum emitida dia a dia, após a atualização dos números de novos casos e mortes pelos vírus (Registaram-se hontem 40 casos novos - Morreram 22 pessoas de gripe - O obituário geral atingiu a 54). “A epidemia no interior do Estado” apresenta o território atingido pelo contágio e aponta uma regularidade relacionada a informação que se pretende apresentar de um acontecimento novo referente a doenças infecciosas. Percebemos, desse modo, o efeito de sentido que o enunciador causa ao optar por esta expressão e não por outra. Assim, como ocorrem nos demais períodos de doenças contagiosas. Considerando que esta opção é derivada de um já-dito.

Figura 4.

² A figura 2 refere-se a uma cópia digital de parte do Jornal Correio Paulistano – expediente 02/12/1918. No decorrer do texto se faz referência aos recortes dos jornais com a denominação de figura 1, 2,3, 4, 5, assim sucessivamente, em referência aos recortes de jornais utilizados para as análises.



Fonte: Jornal Correio Paulistano – expediente 20/12/1918.

Aqui temos o enunciado que informa o fim da epidemia da Influenza Espanhola de 1918. Conforme o texto do informativo há a diminuição de infectados e mortos, e que, por esse motivo, a partir daquela data, não emitiriam mais os comunicados (Encerram-se hoje estes comunicados a imprensa, em vista da normalidade da saúde pública.).

Finda como se acha a calamidade sem exemplo, que pesou sobre nós, perturbando profundamente a nossa vida social - Figura 4); informam, ainda, o encerramento do hospital aberto para tratar a doença, e mais abaixo, quase no fim do texto, parabeniza os escoteiros pelo serviço no combate à epidemia. Neste trecho, temos a expressão “calamidade sem exemplo”, que remete ao processo parafrástico à palavra “epidemia”. Pois, temos aqui uma formulação de um mesmo dizer interligado a memória discursiva que criam um percurso do sentido.

As próximas análises (Figuras 5, 6, 7 e 8) contam com enunciados do Jornal Folha de São Paulo em diferentes datas do período de epidemia/pandemia da Gripe Suína e da Covid-19. Na primeira imagem, temos um enunciado que informa uma condição de produção que se mostra alarmante, gripe responsável por transmitir um vírus causador de doença que afetam os seres humanos e afetam os porcos, na qual a palavra “pandemia” carrega sentidos de uma memória discursiva.



Figura 05.

Fonte: Jornal Folha de São Paulo – expediente 12/06/2009

Nesse enunciado, podemos perceber que a escolha de algumas expressões, sentidos são retomados e há uma reconstituição do acontecimento pela memória (Gripe suína é pandemia, diz OMS - Figura 5). Neste caso, falamos da mobilização de um pré-construído que reforça uma regularização (MUTTI, 2007, p. 266).

Para o próximo enunciado chamamos atenção como o acontecimento novo (re)conecta ao passado do discurso em forma de paráfrase (Gripe suína põe 2 cidades do RS em emergência - Figura 6). Pois, “Gripe suína” faz parte da coleção de formulações da rede de memória criadas pela memória social. Desse modo, a expressão refere-se a “pandemia” que atingiu, também, duas cidades do Rio Grande do Sul – Brasil.

Figura 6.



Fonte: Jornal Folha de São Paulo – expediente.21/07/2009.

Apresentamos, nas últimas análises, enunciados que informam a pandemia da Covid-19. Neste primeiro, temos a palavra “epidemia” em uma (re)construção de sentidos comparados aos enunciados de 1918. (Contra epidemia, Brasil tem de parar, dizem especialistas - Figura 7) Neste caso, há um mecanismo, resultante da relação de sentido com a história que retoma o possível saber discursivo pela repetibilidade de uma expressão, uma palavra e uma proposições pertencentes a mesma formação discursiva (PÊCHEUX, 1995, p. 161).

Figura 7.



Fonte: Jornal Folha de São Paulo – expediente 14/03/2020.

O enunciado abaixo oferece-nos mais um exemplo de reconexão com o passado do discurso (OMS declara pandemia; em 15 dias, país pode ter 4.000 casos Figura 8). Apontamos como indicador a expressão “pandemia” que novamente, perturba uma memória e estabelece efeitos de sentidos semelhantes as outras pandemias que ocorreram no Brasil.

Figura 8.



Fonte: Jornal Folha de São Paulo – expediente: 12/03/2020.

O esquecimento dois, da ordem da enunciação, funciona entre os acontecimentos e a discursividade originária desses acontecimentos, que utiliza a expressão “pandemia” ao informar um acontecimento, remetem, assim aos efeitos de sentidos típicos de períodos pandêmicos e de epidemias. Dessa maneira, apontamos como as expressões inseridas em enunciados que informam os acontecimentos acima analisados produzem efeitos de sentido parafrástico, implícito, de repetição, todos esses associados à regularidade do discurso conforme a formação discursiva que estão inseridos.

Considerações finais

Este trabalho analisou as memórias de epidemias e pandemias no Brasil contribuindo dessa maneira para lembrar-nos das peculiares historicidades de cada uma delas. Os discursos aqui analisados demonstram a construção e a reconstrução de sentido de processos discursivos e os pré-construídos que amparam essa (re)construção.

Citamos aqui o pensamento do filósofo Albert Camus (1913-1960), “[...] já houve tantas guerras como pestes na história. Entretanto, pestes e guerras sempre pegam as pessoas de surpresa”, já que imprime para nós a noção de um dos conceitos abordados nesse trabalho, o Esquecimento nº 2, cuja ilusão referencial que é da ordem da enunciação é apresentada por um mecanismo de produção do discurso, a paráfrase, encontrada na zona do subconsciente do sujeito, a qual determina aquilo que pode ou não ser dito a partir de um pré-construído. Desse modo, ao analisar o intradiscurso,

discurso identificado, encontramos o interdiscurso, discurso não identificado, ou seja, o que já foi dito.

Referências

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. (Org.). Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M.C.L. (Eds). Memória e história na/da análise do discurso. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

MUTTI, R. M. V. Memória do discurso pedagógico. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Eds). Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 265-76

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas-SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). Papel da memória. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

Outras fontes:

Dicionário “Para Entender a Pandemia”.
https://www.agenciaminas.mg.gov.br/ckeditor_assets/attachments/9144/dicionario_para_entenderapandemia_2008.pdf. Acesso em: 15/10/2021.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1206200901.htm>. Acesso em: 23/06/2022.

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/acervo/digitalizados?hemero>.

Acesso em: 05/05/2022.

<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/correio-paulistano/090972>. Acesso em: 13/04/2022.

<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade> Acesso em 13/04/2022.